

BRASIL - PORTUGAL

1 DE SETEMBRO DE 1907

N.º 207

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjé.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L.º do Conde Barão, 50 — Lisboa.

Sua Magestade a Rainha Senhora D. Amelia



*Copia d'um retrato offerecido por Sua Magestade
aos officiaes do Regimento n.º 1 d'Infantaria da Rainha, como consta d'uma dedicatoria escripta
pela mão da Augusta Senhora no lado esquerdo, ao alto, do mesmo retrato*

(Reprodução feita pelo coronel Manuel de Sousa Machado).

VIDA ELEGANTE

EM FÓCO

EM EVIDENCIA

A illustre titular que está ligada hoje a uma das famílias mais nobres do reino tem direito pelo seu valor pessoal, pelas suas qualidades de artista, pela sua alta linha de *sportswoman*, a occupar nas columnas do *Brasil-Portugal* um lugar de honra.

Nasceu a sr.^a marquiza d'Alegrete no Rio de Janeiro em junho de 1883, mas vindo apenas com tres annos de idade para Lisboa, bem portugueza se considera, não só pelo muito que quer a esta querida terra onde passaram rapidos os dias da sua gentil mocidade, como pelo natural orgulho de ser filha de um homem que no trabalho illustrou o seu nome, creou e desenvolveu a sua vasta fortuna e serviu com assignalada benemerencia o seu paiz.



A sr.^a Marquiza de Alegrete

(Cliché de Vidal & Fonseca—Lisboa).

Vê-se bem, por conseguinte, como d'esta forma assenta à maravilha na sr.^a D. Beatriz Roque de Pinho a representação d'estas duas casas: Alegrete e Alto Mearim.

E' a *vieille roche*, a mais hierarchica, a mais alta stirpe que vem ligar-se e fundir-se n'esta nobreza moderna que a todas sobreleva, do valor que dá individualidade, do trabalho que dá honra.

Herdando de seu pae a energia da vontade, e de sua mãe a bondade do coração e o sagrado amor da arte, a senhora marquiza de Alegrete, se o nome, a situação e a fortuna, não bastassem para pôr em relevo a sua personalidade, de tantos elementos pessoas dispõe, tão delicado encanto feminino empresta às suas poderosas qualidades de artista, que este nucleo de forças e attractivos bastaria a dar-lhe um lugar distincto na mais apurada e culta sociedade portugueza.

Fala na perfeição algumas linguas europeias, toca violino com uma virtuosidade inexcelsa, tão apaixonada pela equitação se tem revelado, que marca um lugar á parte n'esta elegante secção de *sport* portuguez, e para cupula de todo este valor, pinta tão primorosamente que os seus quadros expostos na Academia tem sido objecto de admirações e applausos.

Digam-nos todos os que vêem com especial attenção os que pelo merito se individualizam, se não cabe n'estas paginas, com assignalada justiça, a homenagem que hoje depõe aos pés da senhora marquiza de Alegrete o *Brasil-Portugal*!

Alguem.



Alvaro Pinheiro Chagas

(Cliché de Arnaldo Fonseca—Lisboa).

Não temos que alterar uma virgula nas palavras com que em 1 de setembro de 1906 acompanhámos n'estas columnas o retrato do moço jornalista que acabava de ser eleito deputado por Lisboa. As palavras eram estas:

«D'este não falariamos se não fosse por «obliquo», taes são as relações de intimo convívio que de longo tempo sustentámos, e de camaradagem leal, de que nos recordámos com saudade. Até receiámos que sejam envenenadas as boas intenções do «Brasil-Portugal» á força de dizer bem do antigo secretario d'esta redacção, que tanto a beneficiou com o seu «savoir-faire» como com o seu fino espirito alegrou as paginas d'esta Revista.

«A inalteravel dedicação de Alvaro Pinheiro Chagas ao chefe do actual governo não faz senão realçar as suas qualidades e honrar o seu nome. Ha muito de honestidade n'esta estima politica. Ha ainda n'essa ligação partidaria o respeito pessoal por uma memoria que lhe é sagrada. Dando-lhe um lugar no parlamento por votação dos eleitores de Lisboa o presidente do conselho fez mais do que premiar o valor do jornalista: prestou homenagem á grande memoria do pae e á nobreza de caracter do filho.»

Fecha-se hoje um anno sobre o dia em que estas palavras foram escriptas, e em todos os actos, em todo o proceder, em toda a escala percorrida, em toda a linha de superior correcção, tem a mesma actualidade, a mesma inalteravel fixidez estes justos e rapidos dizeres.

Nenhuma das esperanças que depunham em Alvaro Chagas os que desde os primeiros annos da sua mocidade o acompanharam, foram mallogradas; nenhuma das promessas que o seu talento e o seu caracter garantiam, deixaram de ser cumpridas.

O partidario *enragé* timbrou sempre em affirmar a lealdade ao chefe, o jornalista brioso nunca voltou costas ao inimigo, e no mais acceso da contenda, quer no impeto do ataque, quer nos lances da defesa, nunca poderá alguém accusal-o de ter desertado do seu posto, ou de ter affrouxado na lucta, ou de ter defendido mal o seu reducto, ou de não responder com a pessoa e com a vida a qualquer *accommittida* que tivesse por fito manchar o seu caracter.

Já lá vão bastantes annos sobre a morte de Pinheiro Chagas, ainda chorado por todos aquelles que mais de perto viram as scintillações d'aquelle espirito, e reconheceram a grandeza d'aquelle coração.

Pois bem. Se elle podesse resuscitar para a vida moral, se a sua figura proeminente podesse, n'um phenomeno de evocação, ser arrancada ao tumulo e á historia, e se a sua agudeza intellectual e a sua affectividade de pae podessem fundir-se em presença do moço jornalista, de quem hoje nos occupámos, estamos certos de que o espirito redivivo de Pinheiro Chagas diria commovido estas palavras: «Meu filho é digno de mim.»

Gillett.

O ladrão e o marchante

Onofre Crespo era um hypocrita que tinha enganado um frade e um ourives, furtando a um o dinheiro e a outro uma porção de prata.

Enquanto os padecentes deploram o roubo e apertam as mãos na cabeça, Onofre, por ares e ventos, chegava a Montemor. Perto da villa, descobriu de longe um cavalleiro muito bem montado. «Alli

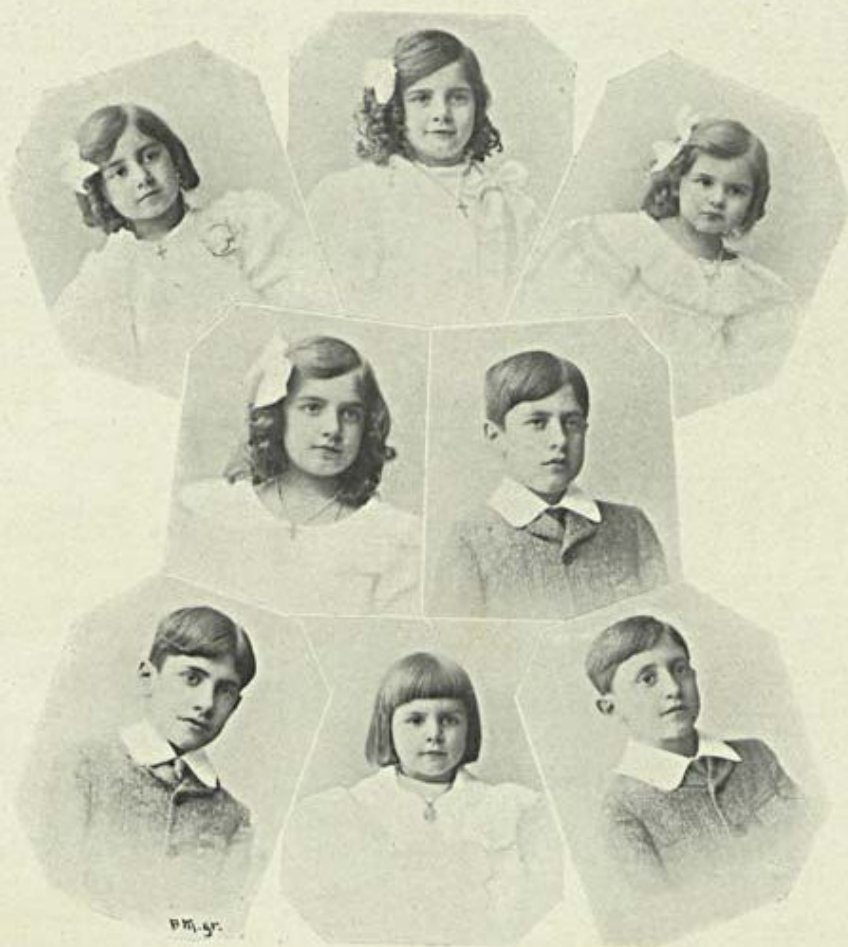
— Console-se, homem! Eu nado como um peixe, e se não lhe tiro a imagem do poço, ninguem a tira. Segure o cavallinho e livre-o de algum couce do macho; olhe que não se confessa. Cuidado com essas bolsas, que não estão vazias! Sentido! Se larga da mão esse demonio, saiba que o não apanho senão em Aldegallega, é um virote.

Dizendo isto, o marchante despia-se na maior boa fé, e deitava-se ao poço. A agua andava funda, e o boccal não se podia alcançar de baixo com a mão. Apenas mergulhou o pobre homem, o devoto Onofre saltou no cavallo, segurou as bolsas, e enrolando a roupa n'uma trouxa, prendeu-a á garupa. Depois chegou-se á bôcca do poço e perguntou para baixo:

— Está lá?

— Estou.

Os filhos do sr. dr. D. Thomaz de Mello Breyner



*Luz — Thereza — Maria da Conceição
Maria — Francisco
Gonçalo — Antonio e José*

(Clichés de Vidal & Fonseca — Lisboa).

está o que me era preciso. Vinha do céu um cavallo assim!» Dizendo isto consigo, entrou a scismar, e apeou-se do macho, que estava no lastimoso estado da mulinha do Palito Metrico:

Cortabat fios almæ cuicumque videnti!

Quando o marchante (era marchante o homem) se chegou ao pé d'elle, achou-o á borda d'um poço desfeito em lagrimas.

— Salve-o Deus, que tem vossa mercê?

— Ah senhor, não me diga nada.

— Qual! O que o afflige? Diga, desafogue.

— Não tem remedio. Caiu-me no poço a imagem de Nossa Senhora. Era de ouro e não sei nadar.

— E' só isso?

— Acha pouco? Se não fosse prenda de minha mãe, não me affligia. Mas deu-m'a á hora da morte...

— Pois fique. Ainda não achou?

— Não vejo nada!

— Pois eu achei. Onde quer que deixe o cavallo e as bolsas?

— Ah ladrão! Aqui d'el-rei! Espera.

— Não se enrouqueça sem precisão. Fique em paz e dê muitas graças a Deus. Sae depois como uma alface. Adeus! O seu fato vae na garupa, escusa de procurar por elle! Para outra vez, seja mais leve ao vir ao de cima d'agua e menos facil de se deitar a nado.

O marchante esconjurou-se dentro do poço umas poucas de horas e o honrado Onofre não parou senão em Aldegallega, onde entregou o cavallo quasi arrebetado, dizendo da parte da sua victima, que o esperassem por todo o dia seguinte infallivelmente.

Regimento n.º 1 d'Infantaria da Rainha

Apresentando hoje as gravuras das principaes dependencias do Regimento d'Infantaria n.º 1, installado na calçada da Ajuda, em Belem, não queremos deixar de, embora em ligeiros traços, fazer o esboço biographico do alludido regimento que tanta celebridade soube adquirir na guerra peninsular e nas campanhas



Regimento n.º 1 d'Infantaria da Rainha

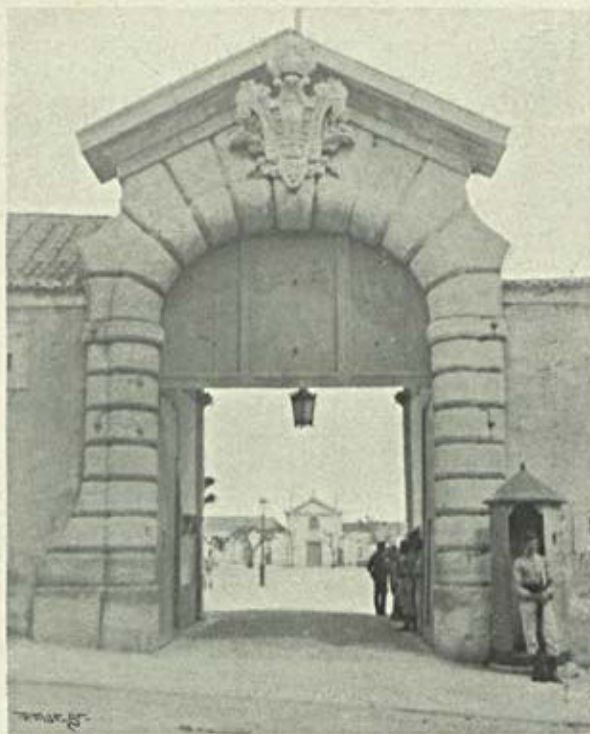
O coronel Manuel de Sousa Machado, actual commandante do regimento

(Cliché Redondo — Lisboa).

da liberdade e a quem o grande marechal Duque de Saldanha legou o seu bastão de commando.

A sua primeira organização como *Regimento d'Infantaria do Conde de Lippe*, data de 25 d'Abril de 1763, dando-se-lhe um effectivo de 821 homens que mais tarde foi elevado a 1200, á semelhança do corpo de marinha, o que constituiu uma prova de distincção.

Pela reorganização do exercito de 14 de Outubro de 1808 passou a denominar-se *Regimento d'Infantaria n.º 1*, e em 1890, como consta da Carta Regia escripta no Paço de Belem em 20 de maio do mesmo anno, obteve a denominação de *Regimento n.º 1 de Infantaria da Rainha*, sendo assim o actual Regimento o representante de tra-



Regimento n.º 1 d'Infantaria da Rainha

A entrada do quartel

(Cliché do major Pinto da Rocha, amador).

dições das mais gloriosas da nossa historia, como consta dos seguintes factos:

Guerra da Peninsula

Durante esta guerra o regimento tomou parte nos seguintes combates, batalhas, etc.:

- 1809 — Combate d'Albergaria em 10 de Maio, combate de Grijó em 11 e passagem do Douro e tomada do Porto em 12.
- 1810 — Combate de Santa Comba Dão em 19 de Setembro, combate



Regimento n.º 1 d'Infantaria da Rainha. — A parada do quartel

(Cliché do coronel Manuel de Sousa Machado, amador).



Regimento n.º 1 d'Infanteria da Rainha. — A sala d'armas do quartel

do Molejoso em 24, combate do Bussaco em 26 e batalha do Bussaco em 27 do mesmo mez, combate de Alemquer em 10 de Outubro e combate da Ponte do Calhariz em 22 de Novembro. Na batalha do Bussaco o regimento mostrou grande firmeza e intrepidez. A companhia de granadeiros era commandada pelo major do regimento João Carlos de Saldanha Oliveira e Daun que mais tarde foi o conhecido e glorioso marechal Saldanha.

A parte official dada por lord Wellington fez especial menção da coragem e disciplina do regimento.

1811 — Combate de Pombal em 11 de Março, combate da Redinha em 12 e combate da Ponte da Murcella em 18.

Desde 16 d'Abril até 11 de Maio teve logar o segundo bloqueio da praça de Almeida.

Em 27 de Setembro deu-se o combate d'Alfaiates.



Regimento n.º 1 d'Infanteria da Rainha. — O gabinete do commandante

(Clichs do coronel Manuel de Sousa Machado, amator).

1812 — Sitio e assalto á praça de Ciudad Rodrigo desde 7 a 19 de Janeiro.

N'este assalto, que foi feito com o maior arrojo, distinguuiu-se o Regimento d'Infantaria n.º 1, como certificou o proprio Lord Wellington na sua parte official.

Em 22 de Julho teve logar a batalha de Salamanca em que o regimento de que estamos tratando atacou com valentia um corpo do exercito francez, conseguindo desalojar as tropas inimigas.

Em 17 de Setembro combate de Estepar, em 19 assalto aos entrincheiramentos em frente do castello de Burgos e ao *homaveque* do mesmo castello.

De 19 de Setembro a 21 de Outubro sitio ao castello de Burgos.

Em 25 de Outubro combate de Carrion.

Desde 8 a 14 de Novembro defeza da passagem do Tormes e em 17 do mesmo mez dava-se o combate de Huerba e San Muñoz.

1813 — A 21 de Junho teve logar a celebre e memoravel batalha de Victoria depois da qual o regimento foi elogiado.

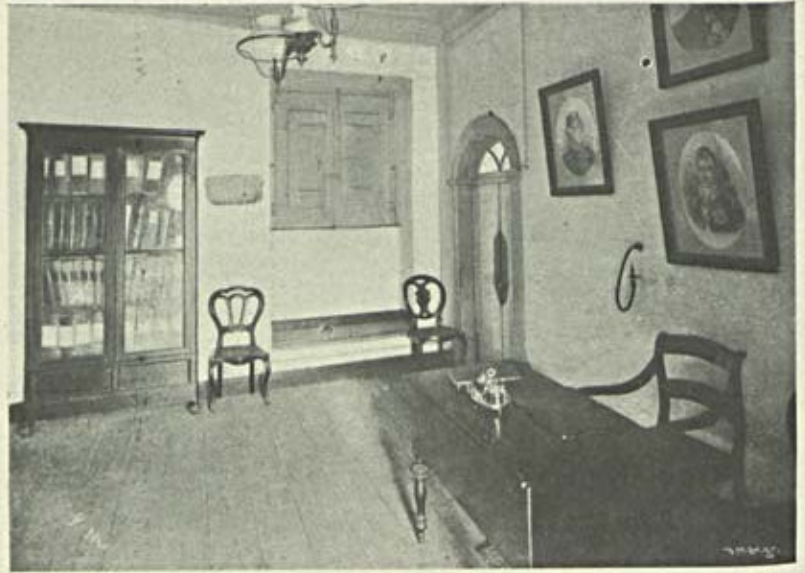
De 9 de Julho a 31 de Agosto, o regimento tomou parte no cerco da praça de San Sebastian, dando-se o primeiro assalto em 25 de Julho, e de 31 de Agosto a 8 de Setembro assistiu ao sitio do castello do mesmo nome.

A 7 de Outubro teve logar a passagem do Bidasoa e a 10 de Novembro a batalha de Nivelle. O valor e a disciplina do exercito portuguez durante esta batalha foram exaltados por Lord Wellington.

No dia 18 de Novembro tomou o regimento parte no combate do Bidurt e em 10 de Dezembro no de Nive.

1814 — Cerco á praça de Bayonna desde 27 de Fevereiro até 28 de Abril.

Em 25 de Agosto do mesmo anno, concluida a guerra, o regimento recolheu ao seu quartel em Belem.



Regimento n.º 1 d'Infantaria da Rainha. — *Secretaria e gabinete do tenente-coronel* (Cliché do coronel Manuel de Sousa Machado, amador).

Em 23 de Julho de 1833 embarcou com destino a Cacilhas em socorro da divisão do visconde de Molellos.

1834 — Em virtude da Convenção de Evora-Monte, o regimento foi extinto, mas já entre as forças liberaes existia novo Regimento d'Infantaria n.º 1, creado em Lisboa a 26 de Julho de 1883 pelo Duque da Terceira.

Este regimento tomou parte em diferentes acções e combates, sendo lhe concedidas quatro condecorações da Ordem da Torre e Espada pela forma briosa como se conduziu, no dia 18 de Fevereiro de 1834, na batalha de Almoster.

Da parte official d'esta batalha consta que o regimento constituiu a reserva, tendo formado em linha a menos de *meio tiro de fuzil* da linha inimiga, conservando se assim, com a mais admiravel firmeza, exposto a um terrivel fogo.

Na mesma comunicação official dizia Saldanha, referindo-se a toda a divisão, que na sua longa carreira militar nunca vira desenvolver maior coragem, presença de espirito, disciplina e valor.

Divisão auxiliar á Hespanha

1835-37 — O primeiro batalhão do regimento fez parte da 2.ª brigada organizada em Vizeu.

O comportamento e disciplina das nossas tropas n'aquelle paiz foram sempre muito louvados.

Campanha de 1846 a 1847

N'esta campanha o Regimento d'Infantaria n.º 1 tomou parte nas seguintes acções:

1846 — Acção de Vianna do Alemtejo em 28 d'Outubro. N'esta acção, quando se mandou fazer o toque de retirada, produziu-se um enorme pânico nos corpos da divisão, sendo Infantaria n.º 1 o *unico* que a effectuou n'uma ordem e sangue-frio dignos de louvor.

Acção de Torres Vedras em 22 de Dezembro, sendo o regimento elogiado pelo marechal Saldanha na ordem do exercito n.º 25 de 26 do mesmo mez.

1847 — Acção do Alto do Vizo em 1 de Maio, sendo o regimento louvado pelo Conde de Vinhaes.



Regimento n.º 1 d'Infantaria da Rainha. — *O refeitório dos sargentos*

Nota. — Os regimentos de Infantaria n.º 1 e 16 e o de Caçadores n.º 4, fizeram parte da 1.ª brigada, durante a guerra peninsular, sendo commandados pelo valente brigadeiro Diniz Pack.

Campanhas da Liberdade

N'estas campanhas houve se tambem o regimento d'uma maneira distincta.

1826-27 — Entrou na batalha de Coruche da Beira, dada em 9 de Janeiro de 1827, planeada pelo valente general Claudino, fazendo parte da columna sob o commando do brigadeiro Benedicto de Mello. Em seguida fez parte da divisão que marchou para o norte em perseguição do inimigo, assistindo aos combates do Prado e da Barca, os mais gloriosos e brilhantes de toda a campanha.

1828 — Conservou-se fiel á causa miguelista. Fez parte do chamado *Exercito de Operações* commandado pelo marechal de campo Pvoas e, pertencendo á divisão do visconde de Souzel, marchou em 25 de Maio de Lisboa sobre Leiria e d'aqui sobre Coimbra, entrando na acção da Cruz de Moroiços em 24 de Junho e depois, na marcha sobre o Porto, na do Marnel, a 28 do mesmo mez, uma das mais sanguinolentas da nossa guerra civil, e ainda na acção do Vouga que se feriu no dia immediato.

1829 — Em 11 de Agosto entrou na acção da Villa da Praia.

1830-33 — Fez parte da guarnição de Lisboa.

Em 18 d'Abri! de 1851 o regimento marchou de Lisboa sobre Coimbra, adherindo ahí ao movimento a favor do marechal Saldanha.

De Coimbra seguiu para o Porto onde, por portaria de 28 d'aquelle mez, se organisou a 1.ª divisão do exercito regenerador cuja 2.ª brigada foi constituida pelo Regimento d'Infantaria n.º 1 e pelo Batalhão de Caçadores n.º 5.



Regimento n.º 1 d'Infantaria da Rainha
Um grupo de sargentos
(Cliché do sargento Oliveira Correia, amador).

Louvores que o regimento tem tido

Além dos já citados o regimento tem tido mais os seguintes:
Em 1810 foi elogiado por Beresford apoz uma revista que este lhe passou no Porto.
Em 1814 foi louvado pela ordem, disciplina e boa conducta durante a marcha de França para o nosso paiz.

**Regimento n.º 1 d'Infantaria da Rainha**

A aula do curso de 1.ª cabos e sargentos — Ao centro o director da escola, capitão Miranda Lemos, dos lados os professores capellão Leitão e tenente Bandeira de Lima (Cliché do sargento Oliveira Correia, amador).

Em 1826 foi também louvado pelas brilhantes marchas forçadas que fez sobre o Algarve onde se revoltara a guarnição.

Em 1870 pela sua fidelidade ao governo não tomando parte na revolta de 19 de Maio.

Em 1877 foi elogiado pelo commandante da divisão pela prestesa e regularidade com que formou e fez a marcha para a Torre de S. Julião da Barra onde no dia 6 de Fevereiro se dera uma insubordinação.

Em 1890 foi-lhe dada, por Carta Regia de 20 de Maio, a denominação de *Regimento n.º 1 d'Infantaria da Rainha*.

No mesmo anno foi nomeado o 1.º batalhão para fazer parte do *Corpo expedicionario* a Moçambique destinado a reforçar as tropas d'esta provincia.

No gabinete destinado ao commandante do regimento está o bastão do grande marechal Duque de Saldanha, fallecido em dezembro de 1876, e deixado por elle em testamento a este corpo.

O Duque de Saldanha havia sentado praça no Regimento d'Infantaria n.º 1, em 28 de setembro de 1805.

Commandantes que tem tido este regimento

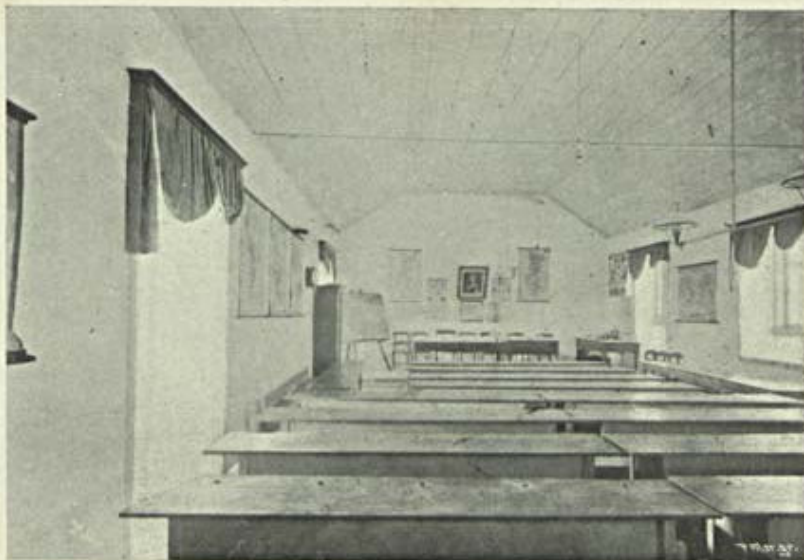
1763-80 — Visconde de Mesquitella, Luiz de Souza de Macedo, marechal de campo e tenente general, tendo por coronel do regimento D. José de Portugal.

**Regimento n.º 1 d'Infantaria da Rainha. — Uma das casernas**

(Cliché do coronel Manuel de Souza Machado, amador).

1780-93 — O coronel, D. Diogo Soares de Noronha.
1793-1800 — O mesmo, com a patente de marechal de campo.
1800-06 — O coronel, Marquez de Alegrete, Luiz Telles da Silva.
1806-12 — O coronel, Nuno Pereira de Macedo.
1812-14 — O tenente-coronel, João Paes de Sande e Castro.
1814-17 — O tenente-coronel, Francisco Xavier Calheiros.
1817-20 — O tenente-coronel, Joaquim Ferreira dos Santos.
1820-25 — O coronel, Conde de Lumiães.
1825-30 — O coronel, José Antonio de Azevedo e Lemos.
1830-42 — O coronel, Antonio Pimentel Maldonado.
1842-52 — O brigadeiro graduado, Philippe Marcelly Pereira.
1852-56 — O brigadeiro graduado, Luiz Antonio d'Oliveira Miranda.
1856-58 — O coronel, Marçal José d'Oliveira.
1858-66 — O coronel, Antonio das Neves Franco.
1866-69 — O coronel, Luiz Maria de Magalhães.
1869-75 — Coronel, Jorge Candido Cordeiro Pinheiro Furtado.
1875-81 — O coronel, José Freire d'Andrade.
1881-90 — O coronel, Jayme Augusto Scarnichia.
1890-93 — Coronel, Antonio Severino Alves Galvão.
1893-98 — Coronel, Manoel d'Azevedo Coutinho.
1898-1904 — Coronel, Antonio Julio de Souza Machado.
1904, o actual coronel, Manoel de Souza Machado.

Este distincto e valente official commandou a expedição ao Nyassa em 8 de maio de 1899. Tomou parte nas operações contra o Kuamba em 14 d'agosto; no combate de Metarneuho a 23, nas operações contra o Mataka, e no encontro e passagem do Levambala a 14 d'outubro; no combate de Namatanda a 16, e na acção de Nougama e passagem do Luangua a 17. Pelos relevantes serviços prestados, foi condecorado com a commenda da antiga e muito nobre ordem da Torre e Espada, de valor, lealdade e merito e louvado pelo zelo, intelligencia e actividade com que se houve no

**Regimento n.º 1 d'Infantaria da Rainha. — A aula do curso de instrução elementar**

(Cliché do coronel Manuel de Souza Machado, amador).

desempenho dos trabalhos da organização da expedição militar ao Sul d'Angola. Portaria de 28 de março de 1906.

Dos commandantes do regimento, quatro exerceram o cargo de Ministro da Guerra. Foram: Duque de Saldanha, José Antonio de Azevedo e Lemos, conde de Lumiães e Jorge Candido Cordeiro Pinheiro Furtado.

MIRANDA LEMOS.

PROVERBIOS PERSAS

Um arratel de saber para ser util, necessita de dez toneladas de bom senso.

Quem só quer um cavallo sem defeito, tem de andar a pé.

O avarento tanto fecha que fecha as portas do ceu.

Setta despedida não volta ao arco.

As armas de Deus não fazem barulho, mas quando ferem não tem cura.

Lingua comprida faz a vida curta.

Cuidado com a lingua porque te póde cortar a cabeça.



Regimento n.º 1 d'Infantaria da Rainha. — A arrecadação regimental
(Cliché do coronel Manuel de Sousa Machado, amador).

Nos tempos do Passeio Publico

I

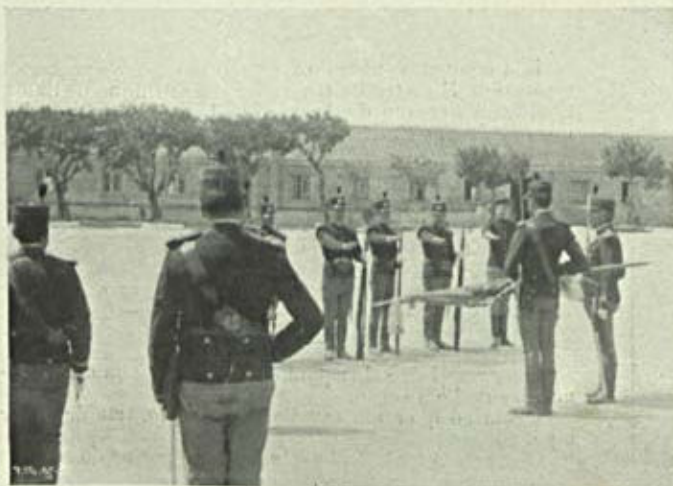
D'esses tempos idos, a perder de vista, a esbaterem-se cada vez mais nos horizontes da existencia, que se vão afastando, quantas recordações não nos restam! Não é necessário esforços de maior, qualquer tortura inquisitorial infligida á imaginação, para que lá acuda em tropel o que convem e o que não convem dizer; nem tudo, porém, occorre e nunca em casos d'estes deixará de vir a proposito a celebre invocação do Fausto, esses dois versos de Goethe, *filtrados pela glotte melliflua do visconde de Castilho*, como disse Camillo:

"Tornai-me a apparecer, entes imaginarios.
"Que me enchieis outrora os olhos visionarios.

As proprias meninas da Baixa e respectivos namorados, do meado do seculo que passou, ao defrontarem-se depois de tantos annos de ausencia, apesar de mil portestes feitos perante o susurar das ondas nas praias de banhos e o borborinhar da multidão a acotovelar-se no Passeio, ao examinarem os efeitos do *pó da estrada*, os mutuos estragos — *les ravages du temps* — dizem pelo menos mentalmente, as palavras de Campoamor, no XLIII das *Doloras*.

este és aquél? esta és aquella?

Não ha Carlota do Rheno, cuja belleza, após uns cincoenta bem puxados, possa resistir ao mais ligeiro exame, gorducha como um texugo ou mægra e espetada como um espinafre. Lola Montes, a



Regimento n.º 1 d'Infantaria da Rainha
Juramento de bandeiras prestado por cinco praças voluntarias
(Cliché do sargento Oliveira Correia, amador).

mundana de grande tom, cujos encantos assombraram a Europa e a America, nem mesmo essa, triste sombra do que foi, deitaria a barra adiante.

O tempo occasiona tambem as suas vertigens, como a distancia, e a quem já não tem andado pouco na estrada da vida não é de admirar que veja deformado, o que atravez de tão espesso prisma contempla.

Demais, o celebre proloquio popular — cada um diz da festa como lhe vae n'ella — leva-nos irresistivelmente a pensar que difficilmente se encontrarão duas descripções concordantes.

Se quizessemos hoje saber, como os velhos d'essa época pensavam ácerca d'aquelle logradouro publico, ou nos haviamos de soccorrer dos seus escriptos, ou teriamos á mingua d'um recurso de os ir ressuscitar, meio de veras energico e que forçoso é reservar para occasiões mais solemnes. Dos que eram servos, aos baldões hoje por este valle de lagrimas, sei eu dizer que iam cultivando como podiam a esturdia e o amôr, um amôr liberrimo que nenhuma dictadura tinha deixado de respeitar. Os que, porém, mais sabiam da materia por mais tempo disporem para exercer o espirito de observação, não eram estes, bem provados nos percalços quotidianos, bem entretidos para pensarem no que em tórno d'elles se passava não respeitante ao elemento feminino.

Recorrendo a invocações espiritistas, o que tão da nossa época é, não será difficil o vêr surgir o espectro, ou coisa que o valha, do homem que pensou em fechar um terreno seu com vedação como a do Passeio Publico: uma cortina medindo pouco mais de metro de altura, em media, sobre a qual se erguiam, a espaços iguaes, pilares tambem de cantaria como ella, servindo de encontros a grades de ferro, de vergalhões horisontaes, atravessados por outros em angulo recto com aquelles e com a forma de lança. La fez, realmente, cortina e pilares, mas a respeito de grades... nunca poudo



Regimento n.º 1 d'Infantaria da Rainha

A cosinha do rancho geral

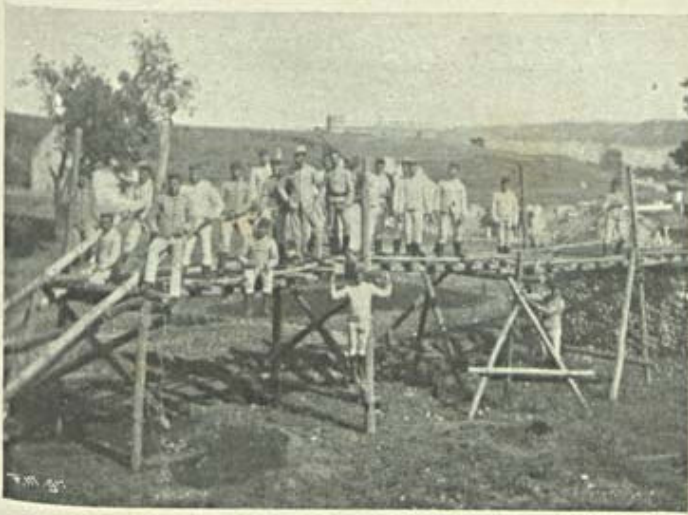
(Cliché do sargento Oliveira Correia, amador).

descobrir a operação bem combinada que lh'os havia de dar, assim como, creio bem, não seria capaz de descobrir a polvora, se o explosivo não existisse ainda.

Mas, aquellas pedras, que o canteiro refendeu nos pilares por supino requinte de arte, compativel com a sensaboria do conjunto, e aquellas grades, nada tinham a encerrar que podesse excitar olhares cupidos dos amigos do alheio. O inventario do recinto apenas accusava umas duzias de arvores a trôchemôche, ás quaes a agulheta municipal não dispensava carinhos; bancos de espaldar com ripado n'elle e no assento, os primeiros, segundo julgo, que Lisboa viu assim; um coreto; candieiros de fuste recurvado, lembrando candelabros de magicas do velho theatro do Salitre; um meio cento de cadeiras de palhinha que os velhos do asylo ministravam, como hoje, ao publico á razão de vintem por cabeça; as duas estatuas: do Tejo e do Douro, que se acham na Avenida da Liberdade, lançando uns fios de agua, que mal chegava para os peixes encarnados do tanque subjacente e do situado no outro topo do Passeio, do lado do sul; uma rua central permitindo o amplo gôso d'estas preciosidades, de pavimento coberto de areia encarnada, como o das ruas de transitio das procissões, ou o visinho da porta de cambista em dia de sorte grande.

De verão era este paraizo gosavel de noite a quem quizesse pagar 50 réis, quantia modica que, ainda assim, nem todos se gabavam de possuir, graças á qual podiamos saborear as delicias da polka Hirka, incommodamente sentados ao lado das bellas, que por alli e por muitas outas partes faziam furôr, muito dadas a citações e salsifrés, cujos peitos n'estes, como n'outros lances, nunca deixavam de arfar com violencia.

O que fez a Camara Municipal, em 1844 creio eu, ao dar alli ao publico tão apreciavel retiro, foi um progresso enorme. Até áquella



Regimento n.º 1 d'Infantaria da Rainha
Sapadores lançando o ultimo cavallete d'uma ponte

data, segundo vemos nas *Memorias de Castilho*, só podia haver cogitações e divagações em suar de desenfado no cemiterio dos ingleses, á Estrella, e não era de certo o tumulto do celebre Young, escriptor d'umas *Noites*, que nem as de Lamego, *sem lua nem nada*, o lugar mais asado para trocar impressões amorosas, n'uns cavacos infindos, que duram dia e noite, noite e dia, pelos annos fóra, quasi sem terem principiado e nunca jámais terminados.

Não teve longa duração, uns quarenta annos, maior, comtudo, que a das rosas; mas n'esse periodo de indisputada realza, ladeada a porta do sul pelas duas bellas araucarias que, salvas da catastrophe, vemos campear na Avenida, sem os predios grandiosos a ensonbralo que mais tarde se fizeram, da rua do Jardim do Regedor até á das Pretas, prestou em toda esta curta extensão valiosos serviços, que injusto seria o não rememorar.

Do lado do Rocio era precedido por um passeio mosaico, redondo e grande, ostentando as araucarias, sobre o qual se abria um amplo portão de ferro, ladeado por dois outros menores; do lado opposto, dois portões de ferro, sempre fechado o do lado occidental e havendo entre elles a cascata a lembrar nos Alcipe e a guerra tal e alecricim e da mangerona, em quanto que o Tejo e o Douro, velhos, circunspectos, d'um e d'outro lado, estavam na sua interminavel tarefa, no meio de grandes folhas de inhame, mostrando-nos ellas, na belleza de chlorophylla que as tingia, a frescura do ambiente.

Come disse, ou, para melhor me exprimir, pretendi dizer, todo este luxo neptuniano se fazia á custa de muito pouca agua, porque a nossa edilidade queria poupar-se a despesas de maior vulto; a da instalação, já de si importante, deixou encargos, que ella não desejava ver augmentados com o dispendio continuo de jorros de agua a rivalisarem com os de Roma, ou de Versailles.

O precioso liquido, apregoado pelas ruas em barris de batoque e suspiro, annuciado aos ouvidos lisboetas pelo penetrante *aié*, de que todos bebiam e em que muito pouca gente se lavava, sahia caro, carissimo, até quando, de todo perdida a individualidade, recebia a pomposa denominação de vinho como um dos elementos menos nocivos da detestavel surrapa vendida ao balcão.

Falava-se tanto do Alviella, como da Mandchuria, esta provincia chinesa cuja existencia ninguem conhecia; nenhum dos nossos cancioneiros o menciona, nenhum dos vates inspirados, que se encançoneiros a contar louvores do Lima, do Mondego e do Tejo, quiz



Regimento n.º 1 d'Infantaria da Rainha
Sapadores traçando sob a direcção do alferes Costa
(Cliché do sargento Oliveira Correia, amador).

em sentidos carmes illuminal-o com o fôgo da inspiração; o certo é, porém, que os soldados de Tarik ou os acaudilhados por algum dos seus successôres, durante o dominio mussulmano, foram beijar as areias de oiro das suas margens, dando-lhes em baptismo o nome arabe, poetico, de que tanto se ufana, como o attesta Fr. João de Sousa nos seus *Vestigios da lingua arabica*.

Tirando as aguas orientaes que vão ao chafariz de El-Rei, as dos poços e cisternas, umas e outras, surgentes na margem do Tejo, recorria-se principalmente ás aguas livres, o que bem pouco era para satisfazer as necessidades da já grande população.

A obra grandiosa e celebre, o aqueducto das aguas livres, que, na extensão approximada de 19 kilometros, vem das cercanias de Caneças, lançando com imponente magestade sobre o valle de Alcantara os seus 35 arcos, o maior dos quaes mede 33,70 de largura, e 62 de altura, nenhum dos frequentadôres da Rabicha no seu entusiastico culto de Bacho tinha deixado de a saudar. Só mais tarde é que se falou nos 11 kilometros do canal do Alviella, nos seus 50 syphões e 94 tunneis. Até essa ditosa epoca campeava o chronico barril de 25 litros, os quaes vendidos por 20 réis, elevavam o preço do metro cubico a 800 réis, mas, bem mais caro de ordinario nos custava.

Depois d'estas considerações, maçadôras e indispensaveis, se vê que não podemos levar a mal aos astros de que o antigo Passeio Publico se via constellado, o não guardarem, vestidos a dentro, uma limpeza tão correcta como seria para desejar, porque de agua só existiam uns restos das lagrimas, que o pobre do Ulysses



Regimento n.º 1 d'Infantaria da Rainha
Sapadores em abrigos para atiradores

chorou ao despedir se da Cotovia. Felizmente só durante curto periodo, na estação propria, e por conselho de medico, se praticava o supremo attentado contra o asseio de ir até á *Deusa dos Mares* tomar uns banhos no Tejo.

E dito o que, só por falta de cumprimento de um dever imperioso eu poderia admittir aqui, descripto em duas pennadas esse recinto, um pouco do phisico da gente que o povoava e um tudo nada do moral d'ella, que n'esse phisico se reflectia, abalançar-mehei, se engenho e arte ajudarem, é claro, a falar das scenas que alli se desenrolaram, na historia ainda por escrever do que n'esses palmos de terra se passou.

L. F. MARREAS FERREIRA.

A pobreza perdeu n'elle um dos seus melhores amigos e o nosso theatro de S. Carlos um dos mais assiduos frequentadores. Proprietario d'importantes armações de pesca em Cascaes, Cazimbra e Peniche era, não obstante, um homem franco, simples e modesto, conquistando assim, rapidamente, a sympathia de todos os que com elle travavam conhecimento.

El-Rei e o Senhor Infante D. Affonso distinguiam-n'o com a sua estima.



João Rosa (Catatau)

† em 27 de julho de 1907

(Cliché Bobone — Lisboa).

Festa no Regimento n.º 1 de Infantaria da Rainha

Malacha e Akulina



Festa no Regimento n.º 1 de Infantaria da Rainha

O retrato do marechal Duque de Saldanha existente no quartel
(Cliché do coronel Manuel de Sousa Machado, amador).

No dia 17 de agosto, realizou-se n'este corpo a festa para commemorar o centenario da promoção a capitão effectivo d'este regimento do glorioso marechal Duque de Saldanha, o qual em testamento legou a Infantaria n.º 1 o seu honrado bastão de commando.

A festa teve um character intimo, restricto á officialidade do regimento, não tendo sido feitos convites especiaes a pessoas estranhas áquelle corpo.

Consistiu ella na inauguração do retrato do nobre e illustre ministro da guerra a quem o digno coronel do mesmo regimento, n'uma breve e eloquente allocução, dirigiu palavras de merecidos louvores pelos serviços prestados á instrucção do exercito, e d'uma notavel e interessante conferencia feita pelo distincto capitão, Francisco de Paula da Silva Villar, acerca da biographia do grande e memoravel marechal, Duque de Saldanha. O illustre official foi muito saudado e felicitado pelos seus camaradas e sargentos, não só pelo seu primoroso trabalho, como tambem pela pureza de dicção e elegancia de phrase com que realçou a sua brilhantissima conferencia.

O magnifico retrato do sr. conselheiro Vasconcellos Porto, está na vasta sala do curso elementar, como homenagem aos serviços que aquelle official tem prestado á instrucção.

M. L.

Festa no Regimento n.º 1 de Infantaria da Rainha

O bastão do marechal Duque de Saldanha legado por este ao regimento e existente no gabinete do commandante

(Cliché do coronel Manuel de Sousa Machado, amador).

N'esse anno a semana santa principiara cêdo. Haviam cessado pouco antes as viagens de trenó, a neve cobria ainda as herdades e os riachos corriam nos campos.

N'uma ruasita, entre dois quintaes, tinha-se formado um grande charco, á borda do qual se encontraram duas rapariguitas de familias diferentes, uma muito pequena, a outra um pouco mais velha. Vestiam sarafans ¹ novos; o da mais pequena era azul e da mais velha amarelo com ramagens. Ambas tinham lenços de seda atados na cabeça.

Ao sabirem da missa tinham corrido para o charco; mostraram os seus vestidos uma á outra e começaram a brincar. Para se divertirem lembraram-se de fazer esguichar a agua. Quando a mais nova quiz entrar para o charco com as suas botinhas novas, a mais velha disse-lhe:

— Não vás assim, Malacha, ² olha que a tua mãe ralha contigo. Vou tirar as botas: faze outro tanto.

As creanças descalçaram-se, arregaçaram as saias e entraram no charco indo ao encontro uma da outra.

Malacha entrou para a agua que lhe dava pelo tornozelo, e disse:

— Que fundo que é, Akuliuchka! ³ Tenho mêdo.

— Não tem duvida, respondeu a outra. Não é mais fundo em parte nenhuma. Vem ter comigo.

Ao aproximarem-se uma da outra:

— Toma cuidado, Malacha, disse Akulina, toma cuidado, vaes-me encher de salpicos. Anda mais devagar.

Ainda não tinha acabado de dizer isto, quando Malacha virou o pé na agua que esparrinhou para o sarafan de Akulina.

Não foi só o sarafan de Akulina que ficou salpicado; a agua esguichou-lhe até ao nariz e aos olhos. Ao ver o seu vestido novo cheio de nodoas, zangou-se com Malacha, disse-lhe nomes e correu atraz d'ella para lhe bater.

Malacha teve mêdo. Comprehendia que tinha feito uma tolice; sahiu a toda a pressa do charco e deitou a fugir para casa.

N'esse momento passava a mãe de Akulina. Ao ver a camisa e o sarafan de sua filha todos sujados:

— Onde sujaste o teu sarafan, meu mostrengo?

— Foi a Malacha que m'o encheu de lama, de proposito.

A mãe de Akulina agarrou a Malacha e bateu-lhe na nuca.

Malacha atrourou a rua com berros. A mãe d'ella ouviu-a e veio a correr.

— Porque bates na minha filha? disse ella, injuriando a vizinha.



Festa no Regimento n.º 1 de Infantaria da Rainha

A aula do curso d' instrucção elementar
antes da inauguração do retrato do sr. ministro da guerra
(Cliché do sargento Oliveira Correia).

A contenda foi-se azedando. As babás ⁴ estavam já para se engalfinharem uma na outra. Os mujiks sahiam de suas casas e já um magote de povo se agglomerava na rua. Todos berravam ao mesmo tempo, ninguem escutava o que diziam os outros. Injuriam-se, estava imminente uma desordem quando uma velha, a babúchka ⁵ de Akulina, se atirou para o meio dos Mujiks para os serenar.

— Que fazeis, meus amigos? disse ella. E de mais a mais n'um dia como este! Peccar por esta forma, quando nos deviamos regozizar!

Mas ninguem a escutava; quasi que a deitaram ao chão. E a velha não os poderia ter apaziguado se não fossem Akulina e Malacha.

Emquanto as babás davam á lingua umas contra as outras, Akulina tinha enxugado o seu sarafan. Voltou para o charco a cor-



Festa no Regimento n.º 1 d'Infantaria da Rainha

A aula do curso d'instrução elemental depois da inauguração do retrato do sr. ministro da guerra



Festa no Regimento n.º 1 d'Infantaria da Rainha

O retrato do sr. conselheiro Vasconcellos Portoto, ministro da guerra

(Clichés do sargento Oliveira Correia, amador).

rer, pegou n'uma pedra e cavou a terra para que a agua escorresse para a rua.

Emquanto ia cavando, aproximou-se Malacha e com um pau ajudou-lhe a fazer um rêgo no chão.

Os mujiks começavam a espancar-se entre si, quando a agua, escorrendo para a rua pela regueira, chegou mesmo ao sitio onde a velha babúchka estava tratando de separar os combatentes. As pequenas corriam de cada lado do riacho:

— A agua passa-nos adiante! Vê se a apanhas, Malacha, gritava Akulina, vê se a apanhas!

Malacha tambem quiz dizer alguma cousa, mas o excesso da alegria cortou-lhe a palavra.

As duas creanças continuavam a correr e riam de ver os mergulhões que o pau dava no riacho. Assim chegaram ao meio dos mujiks. A velha viu-as e gritou aos mujiks:

— Então não tendes temôr a Deus, mujiks! Foi por causa d'essas pequenas que começastes a brigar; ellas já o esqueceram, e ahí estão outra vez a brincar juntas e em boa harmonia. Bem mais juizo mostram do que vós!

Os mujiks olharam para as pequenas e ficaram envergonhados. Puzeram-se a caçar do seu despropósito e cada qual voltou para sua casa.

„Se não fordes como creanças não entrareis no reino dos ceus.“

Conde Leão Tolstoi.

- Salas de camponesas.
- Malacha diminutivo de Melania.
- Akuluehka, Akulka, diminutivos de Akulina.
- As mulheres.
- Avô.

Ligada por laços de parentesco com diversas familias da nossa aristocracia, a illustre senhora, mãe dos sr.s. conselheiro Luiz Augusto Perestrello de Vasconcellos, Bartholomeu Perestrello e Eduardo Perestrello de Vasconcellos, deixou em todos os que a conheciam a mais viva saudade e no seio da sua familia, que a idolatrava e a quem enciamos a expressão do nosso pesar, um vacuo enormissimo.



A sr.ª D. Rosine Barbier Perestrello de Vasconcellos

† 9 de Agosto de 1907

(Cliché Camacho — Lisboa).

A visita do Principe Real e do Ministro da Marinha a S. Thomé

Mensagem lida pelo Ex.º Sr. Conselheiro General Claudino Augusto Carneiro de Sousa e Faro, por occasião da visita de Sua Alteza Real e de S. Ex.ª o Ministro da Marinha e Ultramar á roça Agua-Izé, em 14 de julho de 1907:

A Vossa Alteza, Serenissimo Principe Real, peço venia para, em nome da Companhia da Ilha do Principe, como manifestação do nosso intimo sentir, expressar o nosso profundo reconhecimento pela inestimavel honra que o futuro Rei de Portugal houve por bem dispensar-nos com a sua Augusta Presença na roça Agua-Izé, que inscreverá jubiloza nas paginas de ouro da sua historia agricola esta data por todos os titulos memoravel.

Cumprindo este dever extremamente grato ao meu coração de velho soldado, servidor leal do Rei e da Nação, um outro dever ainda



Viagem do Principe Real. — Em Loanda

Sua Alteza visitando a estação do caminho de ferro do Bungo

(Cliché de J. A. Benedy — Loanda).

se me impõe. Para o cumprir peço venia a Vossa Alteza, impetrando a graça de alguns momentos da sua preciosa attenção. Esse dever é o de saudar o digno Par do Reino, Sr. Ayres d'Ornellas, Ministro da Marinha e Ultramar, a quem, e ao Governo que S. Ex.ª mui dignamente representa junto a Vossa Alteza, nos constituímos devedores do alto favor de vêrmos realisada uma das nossas mais ousadas aspirações.

Certo de que o nobre Ministro, com a rara penetração do seu espirito, terá podido conhecer *de visu* as condições da nossa vida agricola e as suas principaes necessidades, não posso deixar de aproveitar tão favoravel ensejo para abordar um assumpto de interesse capital para a nossa agricultura.

Refiro-me ao regimen do trabalho d'esta grande Fazenda agricola, que outra coisa não é a Provincia de S. Thomé e Principe, e á imperiosa necessidade de a abastecer de braços para o completo arroteamento do seu feracissimo solo, obstando ao mesmo tempo a que caiam em abandono as suas actuaes plantações, que representam para o capital portuguez quantiosas sommas n'ellas empenhadas, além do immenso valor que terão certamente aos olhos de Vossa Alteza Real e do Governo, as innumeradas vidas de cidadãos portuguezes, sacrificadas em tão inhospito clima a este labutar incessante de dezenas de longos annos. Facilmente se comprehende, pois, que se trata d'uma questão de vida ou de morte para esta provincia, na solução da qual não é, por certo, menos interessada a nossa metropole.

Não ha quem ignore que os nossos melhores colonos, aquelles que de preferencia empregamos nas nossas culturas, não só pela sua melhor indole, relativamente falando, mas tambem e principalmente porque se afazem melhor ao nosso meio agricola, além de possuirem condições de mais facil acclimação, são os denominados «angolas». Manda, porém, a verdade se diga que esses colonos, na sua quasi totalidade, procedem não da nossa provincia de Angola, propriamente dita, mas sim do sertão ainda não avassalado do immenso continente

africano, onde, sujeitos a todos os ultrajes da mais feroz selvageria, gemem indefesos sob o ferreo dominio de grandes potentados cafreaes, que são ainda, como se sabe, senhores e possuidores de vastissimas regiões, inacessíveis até o presente á acção civilisadora do progresso e da humanidade, dispondo sobre os seus escravos do direito de vida e morte.

Em troca d'uma situação aviltante, imposta pelo terror, em que elles, sem protecção nem defesa possível contra as maiores atrocidades de que são victimas, sem repouso nem recompensa, castigados com a maxima barbaridade pelo minimo delicto, perdem por completo a noção de que são entes humanos, encontram esses infelizes, como nossos colonos n'esta provincia, — além da alta protecção que lhes é dispensada pelo Governo, por meio da criação moderna do trabalho regulamentado, cuja execução está por elle confiada a delegados seus da maior respeitabilidade, como são o Governador da provincia e o Curador geral dos serviços e colonos, — encontram elles, dizia eu, nas nossas roças, mediante contracto bilateral de prestação de serviços, todas as atenções e cuidados dos agricultores, seus patrões, que, por seu proprio interesse, se não poupam a sacrificios para lhes fornecer alimentação abundante e sadia, alojamento nas melhores condições hygienicas, vestuario para os abrigar da intemperie, o maximo cuidado e agasalho na enfermagem e o pagamento religioso do seu salario.

A Vossa Alteza e ao nobre Ministro podemos felizmente afirmar da maneira mais segura e mais categorica, que esta mudança de si-

obrigados a regressar a essa vida de supplicios indescrivíveis, que não deixaram, por certo, grata recordação no seu espirito.

Obrigal-os a seguir para Loanda, ou para qualquer outro districto de Angola, além de ser o maior dos absurdos, era certamente falsear a idéa da repatriação, não servindo senão para alimentar a mais torpe especulação dos intermediarios, que, sem contestação, é o maior dos males de que enferma a nossa emigração colonial.

A Vossa Alteza Real e ao nobre Ministro podemos asseverar, com a verdade que lhes é devida, que d'entre os nossos colonos angolas, dos que teem aqui familia constituida, e são-n'o quasi todos, não ha um só que se preste de vontade a abandonar a patria que adoptaram, pela simples razão de que se lhes faculta aqui tudo quanto podem ambicionar, e é doutrina corrente que onde se está bem, ahí é a patria. *Ubi bene, ibi patria*, disse o velho Horacio, e esta verdade é de todos os tempos e de todos os paizes.

São estas, Serenissimo Senhor, as linhas geraes do problema, cuja solução satisfatoria nos preoccupa. E' absoluta a nossa confiança no Governo de Sua Magestade, vendo á testa da superior administração colonial o sr. conselheiro Ayres de Ornellas, chamado aos Conselhos da Corôa pelos seus altos merecimentos, sem duvida, mas tambem pelos seus relevantes serviços no ultramar. Possui s. ex.^a, para nós, que de ha longos annos mourejam os por terras da Africa, uma qualidade extremamente sympathica, que a todas as outras sobreleva, a de pertencer a essa brilhante pleiade de africanistas que amam ardente e apaixonadamente as nossas colonias, considerando-as, como de justiça, o natural prolongamento da metropole, e porventura a principal razão de ser da autonomia de Portugal, com o seu logar marcado, entre as nações colonias, no grande concerto mundial. De s. ex.^a se pôde, portanto, dizer, com inteira verdade, que está bem onde está. *He is the right man in the right place.*

Reune, portanto, s. ex.^a o Ministro, os melhores requisitos para merecer a honra de acompanhar a Vossa Alteza n'esta viagem de estudo dos nossos mais complexos problemas colonias, durante a qual será por certo apreciado em toda a luz o immenso trabalho dos colonisadores portuguezes, aos quaes a Providencia concede a ventura de receberem o estímulo de tão Augusta Presença, tão salutar como necessaria para a conservação e defesa do nosso dominio colonial, dilatação da nossa nacionalidade e consagração das nossas instituições. Saudando uma vez mais a Vossa Alteza Real, fazemos votos ao Altissimo para que a preciosa saude do Herdeiro da Corôa Portuguesa seja sempre poupada n'essas terras que tão ousadamente vae ainda percorrer.



Viagem do Príncipe Real. — Em Loanda — Aposentos de Sua Alteza no palacio do governo
(Cliché de J. A. Benedy — Loanda).

tuação, em rapidos traços descripta, é a singela expressão da verdade, revelada em factos de todos os dias, e plenamente confirmada por observações directas de nacionaes e estrangeiros. Estes, em vista das regalias de que gosam os nossos colonos, como as não teem eguaes os trabalhadores dos centros mais civilisados da Europa, não duvidaram, com inteira justiça, designar S. Thomé como o *paraíso do preto*.

Isto ainda não é tudo, Serenissimo Senhor. Viviam elles, como se sabe, completamente privados de familia, ou temendo a cada instante vê-la prostituida, martyrisada, extincta, por mero capricho ou pelo mais sordido interesse dos seus senhores, ao passo que nós, nas nossas roças, não só lhes consentimos, mas até empregamos todos os meios possiveis de persuasão e conselho, para revestir das melhores garantias de ordem e socego, de estabilidade e segurança a constituição da familia, esse poderoso talisman que é o germen dos melhores sentimentos, que lhes dá alegria e conforto no seu viver intimo, resolução e constancia no trabalho, e os traz vinculados a esta terra hospitaleira pelos sagrados laços do amor de seus filhos, despertando n'elles esse natural sentimento da resurreição a que chamamos descendencia.

Em taes condições, facilmente se comprehende que a repatriação obrigatoria dos nossos colonos, pretendida com intuitos manifestamente interesseiros pelos adversarios da emigração, seria um acto de inqualificavel violencia, que nenhum Governo poderá de animo leve sancionar. O direito da repatriação não pôde deixar de ser exercido tão livremente como o da emigração. Sendo a repatriação, como se sabe, o regresso á terra natal, ella importaria, no caso de que se trata, a mais atroz das condemnações para os nossos colonos, se fossem

Zambeze, tive o prazer de o acompanhar no esplendido acolhimento que teve em S. Thomé, e designadamente na roça Agua-Izé, então, como ainda hoje, administrada pelo nosso commum amigo, o conselheiro general Sousa e Faro, mal pensava que dez annos depois, teria a ventura de assistir, na mesma roça, á brilhante recepção que acaba de ser feita a Sua Alteza o Príncipe Real, acompanhado de s. ex.^a o ministro da marinha e ultramar, com as suas comitivas e convidados.

Começo por lhe dizer que é indiscriptivel a transformação que vim encontrar n'essa roça, a principiar pela antiga ponte-caes onde desembareámos, e que desapareceu para dar logar a uma outra que faz honra ao engenheiro que a projectou e executou, no mesmo estylo de construção da soberba ponte-caes de S. Thiago de Cabo Verde, a qual é, como sabe, devida ao mesmo engenheiro. Um sem numero de novas edificações, dispostas em amphitheatro, acompanhando o natural relevo do terreno, dá á séde da propriedade um aspecto alegre, que encanta logo *au premier abord*. Ha alli, presentemente, installações de alto valor, como as dos novos seccadores de cacau, a da pilação do café, e a da serraria mechanica, movidas a vapor pelos sistemas mais aperfeiçoados, além de numerosos sanzallas, com habitações hygienicas para os serviços, e hospitaes barracas pelo systema das construções modernas, e nos quaes o serviço de enfermagem é o mais cuidado possível.

Quando aqui estivemos, havia apenas um pequeno troço de linha ferrea. A roça tem hoje mais de trinta kilometros de rêde ferro-viaria, abertos á circulação para o seu movimento interno.

Não posso deixar de me limitar a estes rapidos traços, para me occupar do assumpto principal d'esta minha communicação.

Cêrca das onze horas e meia da manhã de 14 do corrente, o vapor *Mindello*, da Empreza Nacional, conduzindo a seu bordo Sua Alteza

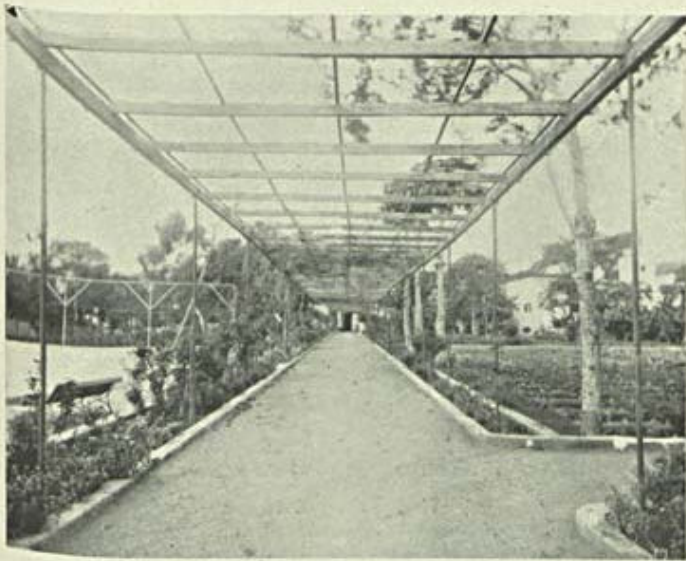
Bordo do *Africa*, 18 de julho de 1907.

Meu caro almirante.

Quando em 1897, commandando v. ex.^a uma divisão naval, composta do couraçado *Vasco da Gama*, corveta *Duque da Terceira* e canhoneira

Real, s. ex.^a o ministro, suas comitivas e convidados, entrou no porto de Agua-Izé, seguindo afoitamente o alinhamento marcado pelas torres de dois pbaroes.

N'esta excellente bahia se viam embandeiradas as duas chalupas da Companhia. Largou immediatamente para bordo da *Mindello* um escaler, com o tenente da armada Bernardo de Souza e Faro, para acom-



Viagem do Principe Real. — Em Loanda
Jardins do palacio do governo

panhar Sua Alteza no seu desembarque, esperado no ultimo degrau da escada da ponte-caes pelo general Sousa e Faro.

Uma massa compacta da população da roça, com os seus trajos alegres e festivos, tendo á sua frente o pessoal dirigente formando alas, aguardava ansiosa, mas na melhor ordem, o desembarque do Principe. Chegados á avenida da ponte, o general Sousa e Faro soltaram os vivas do estylo a Sua Magestade El-Rei, a Sua Magestade a Rainha, a Sua Alteza o Principe Real e a toda a familia real portugueza. Não se descreve o entusiasmo com que foram correspondidos estes vivas, no meio d'um estrolejar incessante de bombas e foguetes, que continuou sem a menor interrupção, revelando a natural alegria e contentamento de toda a população da roça.

Junto á escadaria que dá accesso ao planalto das edificações, fôra erguido um arco artisticamente lançado no qual se lia: «*Soyez le Bien Venu*»

Chegados ao cimo da escadaria, um tunnel de verdura dava passagem para a rua principal, decorada por meio de postes, encimados de galhardetes azul e branco, com fitas de todas as côres que se cruzavam apresentando um conjunto vistoso e alegre.

Á uma hora da tarde foi servido o almoço, sendo a distribuição dos logares a seguinte:

Á direita de Sua Alteza Real, D. Luiza Nobre de Sousa e Faro, o governador da provincia, agricultor Manuel da Costa e Silva, e o medico de Sua Alteza, dr. Barros da Fonseca.

Á esquerda: conselheiro Sousa e Faro, juiz de direito, dr. Corte Real, e o conde da Ponte, ajudante de s. ex.^a o ministro.

Á direita do ex.^{mo} ministro: conde de Valle Flor, commandante do *Adamastor*, capitão de fragata Vieira de Sá, tenente da armada Bernardo de Sousa e Faro, ajudante de s. ex.^a, o governador, capitão Machado de Avellar.

Á esquerda: o agricultor Henrique Monteiro de Mendonça, capitão dos portos da provincia, Francisco Oliver, dr. Vasco Guedes de Vasconcellos, régio capellão, conego Jose Vicente Costa.

Ás cabeceiras: camarista de Sua Alteza Real, coronel de estado-maior Antonio da Costa e ajudante, marquez de Lavradio.

O menu era encimado com desenhos artisticos, representando diversos costumes indigenas e fructos tropicaes, devidos ao pincel de um dos empregados da roça, sr. Jorge de Sousa.

Durante o almoço, fez-se ouvir a excellente banda de musica, regida pelo maestro Thomaz Jorge, tocando alguns trechos escolhidos das melhores operas.

Áo toast, o general Sousa e Faro, pedindo venia a Sua Alteza, disse: «Tenho a honra de erguer a minha taça para brindar pela preciosa existencia de Sua Magestade El-Rei, de Sua Magestade a Rainha, de Vossa Alteza Real, e de toda a familia real portugueza.» A banda de musica tocou então o hymno real, findo o qual Sua Alteza agradeceu a recepção affectuosa de que tem sido alvo, proferindo palavras de extrema amabilidade que era um encanto ouvir-as, pela gentileza e espremeidade com que eram proferidas.

Findo o almoço, seguiu-se o passeio, indo n'uma carruagem de caminho de ferro Sua Alteza Real, sua ex.^a o ministro, governador da provincia e general Sousa e Faro, e em duas outras, as personagens das duas comitivas e os convidados.

De caminho, foram visitadas algumas installações da séde, e designadamente a do grande seccador mechanico, servido por tres caldeiras da força de 70 cavallos vapor, cada, explicando o general Faro, em rapidos traços, o seu funcionamento.

Não poude o passeio prolongar-se até a dependencia mais proxima, a que se destinava, pelo motivo de se fazer tarde, em vista do compromisso tomado por Sua Alteza, de estar a bordo do *Africa* antes das seis horas da tarde.

Áo regresso, Sua Alteza estreou o livro dos visitantes illustres, honrando-o com a sua assignatura, inscrevendo-se depois, sua ex.^a o ministro, os membros da comitiva, governador da provincia e convidados.

Em seguida, tendo previamente obtido permissão de Sua Alteza, leu o general Sousa e Faro uma mensagem de reconhecimento, em nome da Companhia da Ilha do Principe, pela inestimavel honra que o futuro rei de Portugal dispensára, com sua augusta presença, á roça Agua-Izé, aproveitando este ensejo para abordar um assumpto de interesse vital para a agricultura d'esta provincia, como é o do seu regimen de trabalho. A leitura da mensagem foi acolhida com uma salva de palmas produzindo a melhor impressão nos circumstantes, pela lucidez da exposição e pela logica implacavel das suas affirmativas, baseadas em factos.

Sua ex.^a, o ministro, recebendo a mensagem, proferiu um discurso eloquentissimo, no qual fez elogiosas referencias aos serviços prestados pelo engenheiro Sousa e Faro, em algumas provincias ultramarinas, e aos trabalhos de colonisação em que se tem distinguido os agricultores de S. Thomé, em geral, d'entre os quaes não podia deixar de nomear tres individualidades que mais se tem salientado — conde de Valle Flor, Henrique de Mendonça e general Sousa e Faro — congratulando-se pela situação singular em que se encontrava, como membro do governo que promovêra a auspiciosa visita do herdeiro da corôa portugueza ás nossas colonias, situação esta que lhe impõe o dever de resolver satisfactoriamente, em plena harmonia com a sua orientação, todos os assumptos de que depende o desenvolvimento e a prosperidade das provincias ultramarinas.

O discurso de sua ex.^a foi acolhido com demonstrações de profundo reconhecimento.

Á despedida de Sua Alteza repetiram-se as mesmas ovações entusiasticas que n'um crescendo indescriptivel attingiram, por vezes, a méta do delirio.

Esta carta, escripta em viagem para Loanda, vae ser expedida pelo vapor que ali espera a chegada do *Africa*.

Creia-me, meu caro almirante,
de v. ex.^a
velho e sincero admirador

M. H. M.

ANECDOTA

N'um exame de direito penal:

— Que vem a ser fraude?

— É' uma cousa tal como se v. ex.^a me reprovasse.

— Ora essa! Porquê?

— Porque, segundo o codigo penal, commette um crime de fraude todo aquelle que se aproveita da ignorancia d'outrem para o prejudicar.



Viagem do Principe Real. — Em Loanda
Sobas e as suas comitivas

(Clichés de J. A. Benedy — Loanda).

Visita da esquadra japoneza

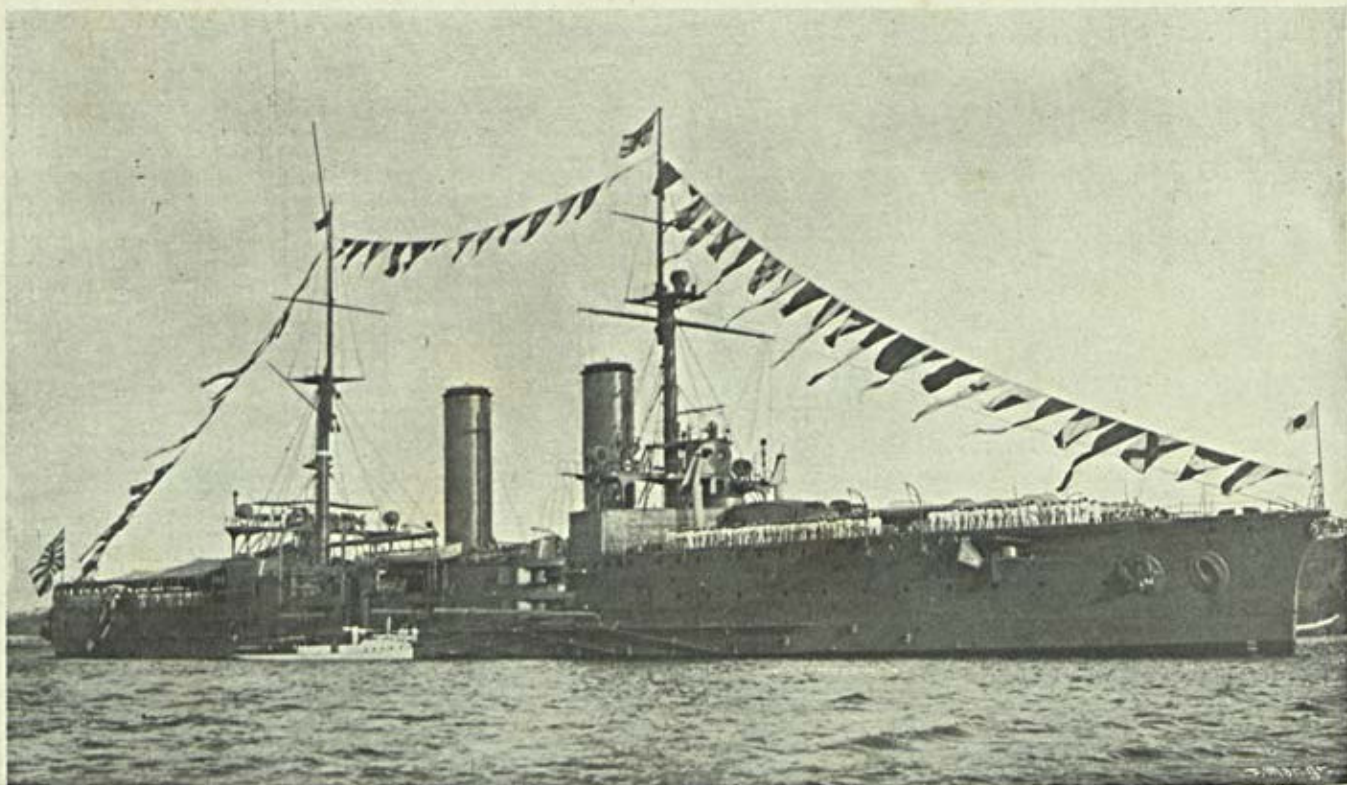
Estiveram fundeados no nosso Tejo, durante alguns dias do mez findo, dois cruzadores couraçados da armada japoneza, hoje uma das melhores do mundo pela riqueza do seu material e pela valentia e intelligencia dos seus marinheiros, como bem se evlenciou na recente guerra entre a Russia e o Japão.

tigas qualidades não estão mortas mas apenas adormecidas por falta de ensejo para se manifestarem, prestou-nos assim um publico testemunho da sua admiração, o qual não pôde deixar de nos ser grato por partir de quem ainda ha bem pouco demonstrou possuir merecimentos para bem poder avaliar os nossos.

Na praia de Espinho:

— Ah, minha senhora! se me quizesse fazer feliz concedendo-me a sua mão, fazia de mim um eterno devedor!

— Impossivel! Não quero augmentar o numero dos seus credores.



Visita da esquadra japoneza — O cruzador couraçado Tsu-Kuba

O Japão é para nós uma nação sympathica. Ainda toda a Europa o desconhecia e já nós mantinhamos com os japonezes as mais estreitas relações de amizade. Ultimamente, depois das suas victorias contra a China e contra o imperio moscovita, esta amizade mais se tem avigorado porque para nós, portuguezes, que contamos no nosso passado tantas aventuras heroicas e tantas conquistas audaciosas, nada ha que mais nos fale ao coração do que as glorias militares, os feitos epicos, emfim a coragem e o patriotismo nas suas mais brilhantes manifestações.

Portugal tambem não é para os japonezes um povo desconhecido. No banquete offerecido aos officiaes da esquadra pelo ministerio da marinha, o sr. Manjiro Inagaki, ministro do Japão na nossa côrte, declarou, n'um brinde que fez, que no seu paiz era bem conhecida a fama dos navegadores portuguezes, audaciosos capitães e homens do mar, e que o nome de Portugal é e sempre será respeitado, especialmente pela marinha japoneza.

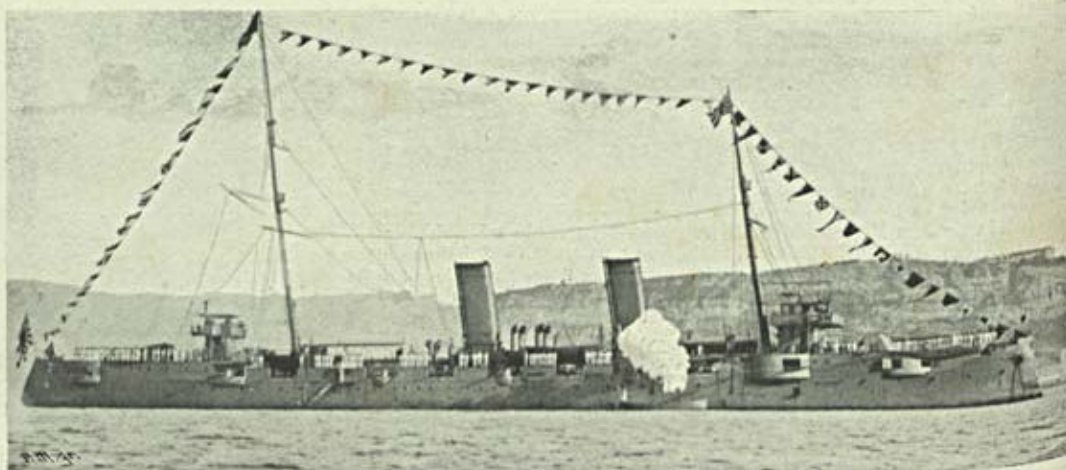
Esta affirmação é tanto mais lisongeira para nós quanto é certo que não representa um cumprimento banal nem um modo de dizer sem fundamento.

Com effeito não só no Japão como em todo o oriente o nome portuguez é ainda hoje respeitado não conseguindo o prestigio das grandes potencias da actualidade apagar a fama dos nossos feitos.

O Japão, onde os portuguezes se estabeleceram em fins do seculo xvi e onde muitos politicos e generaes celebres se orgulham de descender d'esses heroicos aventureiros, conhece bem o que foi Portugal como nação guerreira, maritima e colonial, e não desconhecendo que as nossas an-

Politica internacional

Está outra vez na ordem do dia a eterna questão de Marrocos, e agora, ao que parece, com mais gravidade. Houve um verdadeiro morticínio de christãos na Casa Branca, tomando como pretexto as obras que se estão fazendo no porto; já a França e a Hespanha desembarcaram tropas e os cruzadores francezes chegaram a bombardear a cidade. Além d'isso manifestam-se symptomas ameaçadores por parte dos indigenas em outros pontos do imperio, entre os quaes Mazagão.



(Cliché de A. C. Lima).

Visita da esquadra japoneza — O cruzador Chitose



Visita da esquadra japoneza — Grupo de marinheiros a bordo
(Cliché de Benollet).

onde a colonia franceza para não ser trucidada reclama a presença de um navio de guerra, a bordo do qual se possa refugiar no caso de assalto dado pelas cabildas inimigas que cercam a cidade.

Como se vê por este rapido resumo, a questão complica-se extraordinariamente e, embora por enquanto o movimento pareça sobretudo dirigido contra os francezes, não é para extranhar que o movimento franco-phobo se converta n'um movimento xenophobo que abranja todos os estrangeiros sem distincção de nacionalidade.

Será então a guerra santa, em que ha tanto tempo se fala e que finalmente se desencadeará. Ora n'esta hypothese é que está o verdadeiro perigo.

Para fazer face a uma insurreição geral basta, não ha duvida, a França; mas é preciso que tenha a completa liberdade de acção. Não só, porém, a conferencia de Algeras lhe coarctou em grande parte esta liberdade, senão que a Allemanha não consente que a Republica se utilisse da que lhe ficou. De modo que a acção repressiva europeia, que devia ser rapida e firme para se tornar efficaz, vê-se a todo o momento embaraçada pelas considerações diplomaticas que lhe tolhem o passo, e perde em estereis discussões de chancellaria o tempo precioso que tinha de empregar para o prompto restabelecimento da ordem no imperio marroquino. Os mouros percebem esta indecisão e contando com a impunidade zombam da Europa inteira, que continúa paralyzada perante a dobléz do Maghzen e a audacia das tribus.

Compreenderá d'esta vez a Europa ante a gravidade da situação o seu interesse e o que o seu proprio decoro lhe intima?

A questão de Marrocos só pôde resolver-se definitivamente ou por um accordo franco-allemao, ou por

uma guerra em que a Allemanha seja vencida. Qualquer d'estas duas eventualidades encontra difficuldades sérias para se realizar. Uma guerra, que n'este caso só podia ser uma colligação, contra a Allemanha não é empreza facil, e são de tal maneira pavorosos os resultados provaveis de semelhante acontecimento que mesmo os mais directamente interessados em o provocar reciam diante de tão grande responsabilidade. Mesmo isolada a Allemanha é uma formidavel machina de guerra, e muito embora no mar tivesse de ficar destroçada, por terra a sua superioridade é de tal modo esmagadora, que difficil senão impossivel seria para a França aguentar-lhe o choque. Para a Allemanha ser vencida n'uma campanha terrestre era preciso que ás forças da França se juntassem as da Russia n'um ataque commum e conjugado. E ainda assim a partida não era absolutamente certa, mesmo no tempo em que as forças da Russia estavam intactas. Hoje, porém, depois dos desastres do Imperio no Extremo Oriente o auxilio que o aliado da Republica pôde prestar n'uma guerra offensiva contra a Allemanha é muito problematico.

De modo que a hypothese de uma guerra contra a Allemanha, a fim de a obrigar a desinteressar-se da questão de Marrocos e para deixar por conseguinte as mãos livres á França para esta a resolver nos termos do accordo anglo-franco-hespanhol, não é muito provavel. Resta por conseguinte a hypothese de um accordo entre Paris e Berlim para se chegar ao fim desejado. E' nossa opinião até que todos os embaraços, que a Allemanha está levantando ao governo da Republica n'esta questão, são para o obrigar a entrar n'uma combinação permanente com o imperio, na esperança de que semelhante combinação inutilizará a *entente cordiale*, pezadello constante de Guilherme II. Mas por isso mesmo que um accordo com a França tem para os estadistas allemães este fim reservado, é que elle é de difficil realisação. A França não entrará em combinação alguma com o seu poderoso vizinho de leste, se porventura essa combinação não abranger tambem a Inglaterra.

Ora é exactamente a semelhante extensão do accordo franco-allemao, que a Allemanha se oppõe, visto que assim ficaria impossibilitada de proseguir na sua politica naval de aggressão contra a Grã-Bretanha.



(Cliché de A. C. Lima). Visita da esquadra japoneza — A bordo

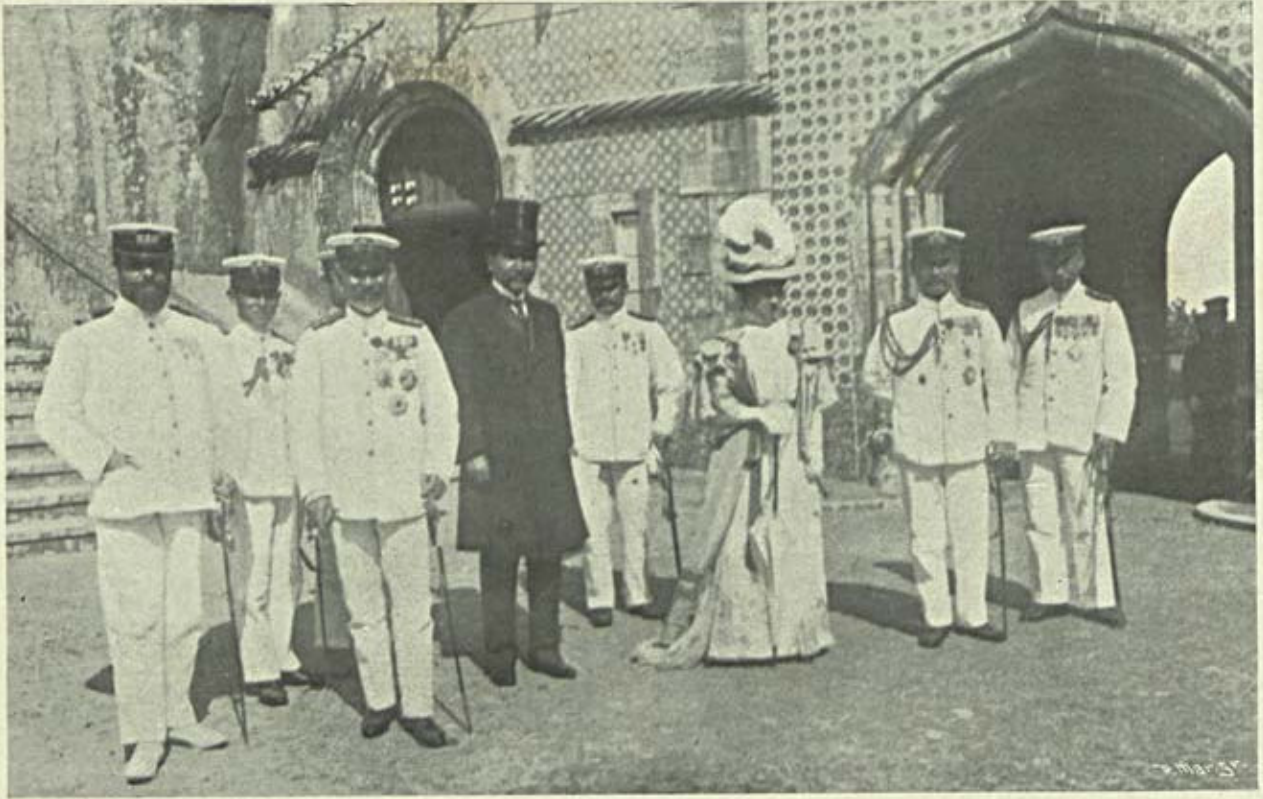
Qualquer das duas soluções indispensaveis pois para a definitiva solução da questão de Marrocos encontra na pratica graves difficuldades. Em todo o caso a solução do accordo entre a França e a Allemanha é a mais provavel e aquella que a Europa e a America saudariam com um verdadeiro suspiro de satisfação, porque a situação actual é intoleravel e o receio constante de complicações internacionais exerce uma influencia deprimente sobre as relações das potencias entre si.

Mais uma entrevista sensacional está occupando a atenção das chancellarias e provocando os commentarios da imprensa europeia. Trata-se agora do encontro do Kaiser e do Tsar nas aguas de Swinemunde.

A proposito de outras entrevistas identicas já tivemos occasião de emitir a nossa opinião, para que seja necessario novamente repetil-a aqui. Bastará dizer que não acreditamos que se trate de qualquer assumpto importante nas entrevistas entre soberanos. Em primeiro logar não é em tres quartos de hora, que se podem resolver graves assumptos internacionais. Em segundo logar não são os soberanos que teem competencia especial para os resolver. Os reis e os imperadores conhecem em geral dos negocios publicos apenas o sufficiente para sobre elles dizerem meia duzia de palavras vagas nas grandes occasiões. De resto nem teem vagar nem educação para os approfundarem a ponto de sobre elles poderem tomar resoluções definitivas. A esta regra, que considera-



Visita da esquadra japoneza — Officiaes japonezes visitando a cidade
(Cliché de A. C. Lima).



(Cliché de Benollet.)

Visita da esquadra japoneza

No palácio da Pena, em Cintra — Ministro e ministra do Japão, almirante Ijuin, capitão Leotte do Rego e diversos officiaes da esquadra japoneza

mos absoluta, nem fazem excepção os soberanos que, como o imperador da Allemanha, mais se dizem conhecedores dos altos segredos da politica internacional nas suas complicadas peripecias. Senão haja vista a situação internacional da Allemanha, depois que a politica externa do imperio passou das mãos firmes e habeis de Bismarck para as de Guilherme II, ainda assim acolytado por um Caprivi, um Hohenlohe ou um Bulow...

Nas entrevistas dos soberanos não se trata, pois, nem se pode tratar de cousa alguma. Na entrevista por consecuencia de Swinemunde de nada se tratou tambem, em que peze aos devaneadores da diplomacia e aos emprezarios de noticias de sensação.

Quer isto, porém, dizer, que a entrevista entre o Tsar e o Kaiser não obedecesse a um pensamento qualquer? De modo nenhum. O encontro dos dois monarchas parece-nos uma manobra da Allemanha para mostrar ao mundo que não está isolada, apesar de os factos cada dia mais se estarem encarregando de o demonstrar. Como ultimo da serie de accordos, realisaados sob a iniciativa da Inglaterra, está prestes a ultimar-se, se é que o não está já, o accordo anglo-russo.

Com semelhante combinação o isolamento da Allemanha é completo, e esta inquietadora situação do imperio não póde deixar de reflectir-se na sua politica interior, ferindo profundamente perante a nação o prestigio pessoal do Kaiser, e mostrando-o ás massas populares abandonado por todos e na posição humilhante de não ter quem a elle se queira alliar, apesar de todo o poder militar da Allemanha.

Não admira, portanto, que para desfazer tão desagradavel impressão no seu povo, Guilherme II tenha imaginado o encontro de Swinemunde com o fim de mostrar que continua a ser o arbitro da paz e da guerra na Europa. Simplesmente todos comprehendem o alcance d'esta demonstração. Ligada a Russia á França por um tratado de alliança, e á Inglaterra por um accordo que tudo indica estar ultimado de facto, não é crível que o Tsar tivesse accedido á entrevista com o Kaiser senão depois do assentimento d'estas duas nações a este acto. E sendo assim o encontro de Swinemunde fica reduzido na realidade ás proporções de uma simples visita de cortezia, que em cousa alguma alterará o curso dos acontecimentos. Eis a nosso vêr a significação do que acaba de passar-se entre os dois imperadores.

A conferencia da Haya lá se vae arrastando em interminaveis sessões, sem ter a coragem de se occupar dos problemas que mais concitam a attenção do mundo culto e mais prompta solução estão reclamando por parte dos governos. Teem-se discutido alguns pontos interessantes do direito internacional, especialmente maritimo, mas nem uma só das grandes questões capitaes que interessam á vida das nações merecem as honras da ordem do dia. Até a proposta de arbitragem obrigatoria, sustentada pelo delegado de Por-

tugal, naufragou na respectiva comissão devido sobretudo á opposição da Allemanha. A proposta para a limitação dos armamentos, redacção mais attenuada da que tinha por fim reduzir as forças de mar e terra das diferentes potencias, nem chegou a apresentar-se. Em compensação dizem-nos os telegrammas que os delegados começam a sentir-se deveras fatigados com a abundancia de banquetes, recepções e festas, que quasi teem occupado a maior parte do tempo, desde que está reunida a conferencia na capital hollandeza. Falla-se mesmo em que alguns delegados abandonarão a Haya, sem esperar pelo encerramento official da reunião.

Era de esperar que assim acontecesse, logo que houve desacordo entre as grandes potencias ácerca do programma da conferencia. Desde que se soube que a generosa iniciativa da Inglaterra, appoiada pelos Estados Unidos, era combatida pela Allemanha e recebida com frieza pela propria França, a sorte da conferencia da Haya estava decidida. Nada havia a esperar d'ella. Além d'isso, com excepção de meia duzia de homens eminentes e de vistas largas que n'ella teem assento, a quasi totalidade dos delegados é constituída por profissionais da diplomacia, quer dizer por burocratas de horisontes acanhados, muito sabedores em questões de protocolo, mas completamente alheios a todas as grandes questões que enthusiasmam e interessam as massas populares e que constituem a corrente de aspirações sociaes do nosso seculo. De uma assembleia assim constituída o que havia a esperar?

Não é em conferencias como a da Haya, que a questão da paz ou da guerra, entre as nações ha de ser resolvida...

CONSIGLIERI PEDROSO.



Noite

Céo d'inverno, humido e frio,
Tantos astros quem pudera
Roubal-os á negra esphera
E deixar o céo vasio!
Que me deras se eu t'os dera?

O céo d'inverno, feito algema
Em teus braços era vèl-o!
Sirius seria o meu sello,
As Tres Marias diadema,
Teu collar o Setestrello!

D. João da Gamara.